**Jun 3, 2009**

[**Matriz d'eus-antes do início**](http://www.myspace.com/telmasantos/blog/492741745)

O que nos incomoda mais: o olhar do outro ou o nosso? Quando é que o olhar do outro deixa de ser do outro e passa a ser o nosso e vice-versa? Quando nos auto-aprisionamos nos nossos “eus” e os utilizamos para defender seja o que for em que situação for? Tendo os trabalhos anteriores explorado a construção de universos de possibilidades em ambientes de auto-limitação e “castração” de identidade, pretendo agora construir uma matriz intersubjectiva de *eus*, tendo sido a matriz intersubjectiva um conceito introduzido por Daniel N. Stern no contexto da psicanálise. Esta matriz será construída utilizando pedaços de espelho com formas irregulares, e alguns deles reflectirão o vídeo *home-made*projectado na parede numa tentativa de percepção de *eus* possíveis, propostas de “versões” de mim, que crio, recrio, escolho, e imprimo como fotografias que ofereço. Os espelhos são irregulares porque o mundo não é suavizado, bem como as “versões” de nós próprios. Criar o universo do outro como espelho de um qualquer pedaço de mim e confrontar-me com“ele”. Construir um universo musical em que essa procura seja incessante e de constante encontro/ruptura, criar um universo audiovisual com várias propostas de “versões” de mim, que crio, recrio, escolho, e imprimo como fotografias que ofereço. Damos permanentemente por nós a oferecemos aos outros quem desejaríamos ser, uma “versão” para cada pessoa que se encontra, ou eventualmente se possam agrupar pessoas, bem como “versões”. E a cada uma delas chamamos eu.

Tenciono explorar aqui o *site-specific* na construção do vídeo onde as possibilidades de espaços serão parte integrante do projecto, técnica de Laban na construção da matriz, e eventualmente elementos fetichistas no cenário/figurinos nos momentos decisivos e argumentativos. Técnica de Improvisação e Contacto Improvisação na relação que estabeleço com as imagens, com elementos de Composição em Tempo Real na construção das várias versões dos “eus”.

Este trabalho é e será sempre olhado como um continuum, um processo em constante criação, recriação, questionamento, ruptura e reconciliação. Um work-in-progress. Assim, terá alguns momentos do processo partilhados com o público, para que tal seja possível.

**July 23, 2009**

Queria que fossem 9 identidades. O número nove é especial e queria que estivesse presente. Acontece que não aparece, por mais sentido que faça. E portanto, não vou ser absolutamente castradora à partida. Elas existem e vão sendo construídas ao longo do processo. Mas creio que não vou conseguir definir o número de identidades nem todas as características, será um primeiro trabalho à volta dos espelhos. É uma primeira abordagem à pergunta: será que o outro não é mais do que um reflexo de um dos que estão dentro de mim?

A primeira é a Mártir. Aquela que carrega todas as outras, as dores das outras como parte da sua missão na vida. Crê no sacrifício, os olhos no chão, a alma despedaçada enfiada num baú que carrega, a sua cruz. Nesse baú estão os espelhos e superfícies reflectoras e objectos que caracterizam cada uma das identidades que vão surgindo. Função: introduzir o baú. Figurino: um pano preto enrolado pelo corpo e cabeça.

A seguir temos a Consciente. Vagueia por todas as outras com a consciência da sua pequenez e insignificância . Move-se pelo espaço construindo um labirinto de espelhos que tira do baú. Tem uma postura segura e assumida. É uma construtora por definição. Adora a ideia de arrumar seguindo a lógica da improvisação, da construção de um plano onde esse labirinto aconteça e o“outro” (publico) lhe atribua um sentido. Figurino: um vestido preto feminino e ela descalça.

Quando o cenário inicial se encontra montado, faz-me sentido à partida encontrar em seguida a Animal, que andará pelo labirinto de espelhos,como um animal numa jaula, perdida sem saída, como uma metáfora à prisão que criamos dentro deste universo das múltiplas identidades. É uma forma de defesa, aprisionarmo-nos sem piedade, num caminho de auto-tortura, solidão provocada através da construção de outros eus ou apenas este processo de identificação e construção de personagens-defesa. Figurino: corpete anos 50,60, creme e fraldas.

**September 9, 2009**

Como descobrir, organizar e definir as possibilidades que levam a uma acção? Não interessa a acção concreta, sendo que existe sempre a acção associada à descoberta, organização e definição dessas mesmas possibilidades. Aqui, o desejo de dizer algo é alcançado no que precede a concretização do mesmo. O que me faz iniciar? Esse desejo de comunicar, ainda que abstracto. A partir desse momento há um jogo de momentos hiper-conscientes em alternância com um corpo sempre em conflito e com fronteira aberta - só no fecho estão os limites de convergência do conjunto formado pela hiper-consciência pelas relações de conflito que emergem do corpo. O continuum do processo é aqui muito importante para que se consiga perceber o aparecimento de um universo cada vez maior de relações de conflito que implicam uma focagem maior nessas mesmas relações como novo universo de possibilidades. O limite é a acção. Que está no fecho da fronteira de momentos hiper-conscientes em alternância com o corpo em conflito. Mas não interessa como construir esse fecho e atingir o limite. Interessa sim perceber a formação desse conjunto e vários percursos possíveis no interior do mesmo, criar novos universos de possibilidades aí dentro, num trabalho microscópico de persistência sobre a ideia de criar uma ideia de não paragem mas simultaneamente com momentos de isolamento de fragmentos de movimento como imagens através das quais conseguimos continuar o processo; são esses pois os momentos de hiper-consciência.

**Universo microscópico de acção**

Para que consigamos atingir um microcosmos mais essencial temos que reduzir a capacidade de acção. A análise mais detalhada desta questão faz-nos convergir para situações de limitação. Também porque me parece ser a limitação do corpo em si um universo a considerar, transporto para esse universo a análise de possibilidades. Sendo que não raramente essas limitações são auto-inflingidas, construo e destruo assim situações de auto-aprisionamento do corpo para que seja mais concreta a construção do conjunto de possibilidades. Máscaras, ligaduras, película aderente, fita, pano, fraldas corpetes, são alguns dos objectos de auto-aprisionamento escolhidos. É o desafio da destruição/reconstrução da imagem que tenho de mim enquanto outro, uma imagem social de mim própria que me limita (“ (…) Em conclusão, a neurobiologia da consciência enfrenta, pelo menos, dois problemas: o de como se constrói o“filme-no-cérebro” e o de como o cérebro também constrói o sentido da existência de um proprietário e espectador para esse filme”, in *O sentimento de si- O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência,* António Damásio).

**Matriz Intersubjectiva de “eus”**

A construção do “filme-na-cabeça” é feita como pontos discretos - fotos, frames – a convergir para um continuum. As possibilidades de acção são como imagens discretas a tender para um continuum de relações cada vez mais interligadas, mas sempre alternadas com os momentos hiper-conscientes. Essas fotos, ou frames, são nada mais do que imagem dos vários “eus” que existem, um para cada possibilidade. É uma partição de mim em frames de possibilidades, em que todas elas se interligam e criam portanto novos universos de criação de possibilidades. É uma partição cada vez maior numa multiplicidade de “eus” e as suas várias relações. Este “filme-na-cabeça” é construído dentro do universo microscópio de acção.